A SANTA DO TURISMO: O MERCADO DA FÉ EM NOVA TRENTO – SC¹

Helton Ricardo Ouriques²

Resumo

O objetivo principal deste artigo é discutir criticamente o significado turístico da canonização de Santa Paulina, ocorrida em 19 de maio de 2002. Argumentamos que a fé religiosa vem sendo apropriada por uma forma específica de acumulação do capital. Em outras palavras, a religiosidade está sendo transformada em uma mercadoria turística. Neste sentido, pretendemos: a) apresentar dados gerais sobre a evolução social e econômica do município de Nova Trento; b) descrever as novas características produzidas pelo uso econômico da fé no município em questão; c) compreender teoricamente o significado da apropriação, por parte do capital turístico, dos sentimentos de fé e religiosidade populares.

Palavras-chave: turismo, fé religiosa, Santa Paulina.

Classificação JEL: L8; Z12.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é discutir criticamente o significado turístico da canonização de Madre Paulina³, ocorrida em 19 de maio de 2002. Para tanto, apresentamos uma breve caracterização do município de

¹ Este artigo é uma versão, com modificações, de um texto apresentado no VI Encontro Nacional de Turismo com Base Local, ocorrido em Campo Grande, MS, em 2002.

² Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Correio: helton@cse.ufsc.br

³ Amábile Lúcia Visintainer nasceu em Vígolo Vattaro, na região do Trento, na Itália, em 16.12.1865 e faleceu na cidade de São Paulo no dia 19.07.1942. Sua família migrou para o Brasil no ano de 1875, estabelecendo-se em Nova Trento, SC.

Nova Trento e da expectativa que vem sendo produzida localmente com a criação da “padroeira do turismo”, que está inserindo este pequeno município no roteiro turístico do Estado. É oportuno destacar que o patrimônio histórico é praticamente inexistente no local, existindo somente edificações de cunho religioso, como capelas, oratórios e igrejas. Mas, agora, está sendo projetada a construção de um santuário, específico para a Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, que tende a se tornar um pedaço da história, de uma “história que faz turismo”.

As lideranças políticas e empresariais vêm continuamente se manifestando de forma entusiasmada (e mesmo exagerada) com a criação deste novo atrativo turístico, inclusive afirmando que Nova Trento se tornará o segundo destino religioso do Brasil. Trata-se de um excelente exemplo de invenção de um lugar turístico, que ilustra a tônica desta atividade onde quer que ela se instale. Assim, um pequeno município catarinense, que inclusive passou por um processo de estagnação populacional durante as duas últimas décadas, acaba se transformando em uma localidade com “vocaço natural” para o turismo religioso. O que parece evidente é a apropriação da fé religiosa pelos ideólogos do capital turístico, em benefício de uma forma específica de acumulação do capital.

Em síntese, este pequeno texto, que se constitui em uma primeira investigação do autor acerca da temática do turismo religioso, pretende: a) apresentar dados gerais sobre a evolução social e econômica do município de Nova Trento; b) descrever as características da nova territorialidade produzida pelo uso econômico da fé no município em questão; c) compreender teoricamente o significado da apropriação, por parte do capital turístico, dos sentimentos de fé e religiosidade populares. Em outras palavras, é muito provável que a peregrinação religiosa seja substituída pelo turismo religioso.

2. NOVA TRENTO: BREVE CARACTERIZAÇÃO

Do ponto de vista geográfico, Nova Trento possui 403,5km², situada na latitude de 27°17’09”S e na longitude de 48°55’47”W de Greenwich e a 30 metros de altitude. Está a 86 quilômetros de Florianópolis, a capital do Estado de Santa Catarina, na região sul do Brasil, fazendo parte da Microrregião do Vale do Tijucas e da Mesorregião da Grande Florianópolis (IBGE).

O município de Nova Trento, caso observemos exclusivamente para aspectos quantitativos obtidos junto ao IBGE, pode ser colocado no rol dos pequenos municípios brasileiros. Com uma população estabilizada há décadas em torno dos dez mil habitantes⁴, traduzida em uma taxa média geométrica de crescimento populacional irrisória (de - 0,96 no período 1970/80; de 0,04 no período 1980/91 e de 0,54 no período 1991/96); com uma densidade demográfica de 23,45 hab/km² em 1996, contra 51,08 hab/km² da média estadual, Nova Trento se pauta economicamente pela pequena produção agrícola de subsistência e por ter parte importante de sua força de trabalho atuando na construção civil, no comércio e na indústria têxtil de outros municípios (neste último caso, no município de Brusque).

Do ponto de vista populacional e histórico, sua base é a colonização italiana, composta por famílias que chegaram à localidade nas últimas décadas do século XIX, expulsas do velho continente pela impossibilidade de reproduzirem seu modo de vida.

Finalmente, no âmbito do turismo propriamente dito, até há pouco tempo Nova Trento era considerado, pelos programas oficiais de turismo e guias especializados como local de “*relativo interesse natural e histórico*”. Mas, desde o início dos anos de 1990, precisamente a partir da beatificação de Madre Paulina ocorrida em 1991, por ocasião da visita do Papa João Paulo II, o município vem recebendo fluxos crescentes de visitantes.

É, sem dúvida, a partir do ano de 2002 que a presença destes mais se intensificou, tendo em vista a santificação ocorrida no dia 19 de maio, gerando reações diversas na comunidade local: desde a empolgação do poder público e do comércio, além daqueles que vêm no acontecimento uma possibilidade de obtenção de trabalho, até as preocupações (ainda que em menor grau) relativas às alterações no modo pacato de vida, como o aumento da violência.

3. A SANTIFICAÇÃO DE MADRE PAULINA E SEUS REFLEXOS EM NOVA TRENTO

Nos meses anteriores à santificação de Madre Paulina foram aumentadas as expectativas positivas quanto ao futuro econômico do município,

⁴De acordo com o IBGE, o município tinha 9.852 habitantes em 2000. A mais recente mensuração, feita pelo mesmo instituto em 01.07.06, estimou a população em 10.392 habitantes. Fonte: www.ibge.gov.br; acesso em 28.11.06.

que só se ampliaram desde então. Uma reportagem do jornal *A Notícia* (19.05.2002) captou bem o “espírito” que tomou conta do local. Com o título “Fé transforma Nova Trento”, o texto chama a atenção para o fato de que a localidade, além dos devotos, vem atraindo investidores.

Nas palavras de um corretor local, “*não passa um dia sem que haja consultas pessoais, por telefone ou Internet. Seis entre dez pensam em construir pousadas, dois em comprar terras e o resto em montar os mais diversos negócios. Mas muitos sequer sabem onde fica Nova Trento, nem como chegar*” (idem, p. 23). Depoimento similar expressou o prefeito municipal, Godofredo Tonini, um ex-seminarista: “*Evidentemente que há aventureiros, mas há também projetos muito concretos, como os da rede Le Canard e Íbis, envolvendo também um shopping*”.

A reportagem destaca ainda a existência de uma lei municipal “*...que concede isenção fiscal de dez anos no IPTU para empresas hoteleiras, desde que obrigatoriamente prestem serviços de restaurante e cantina típica, anexos aos de hotelaria*” (idem). Ou seja, Nova Trento também está no rol das administrações públicas que fornecem privilégios especiais à instalação do capital em seus territórios administrativos, como forma de catalisar o tão sonhado “desenvolvimento”. Atente-se para o fato de que a exigência da prefeitura em relação aos empreendimentos hoteleiros resume-se ao fornecimento de “comida típica”...

Os reflexos não param por aí. Como corolário da “promessa” de desenvolvimento do turismo religioso, a EPAGRI (empresa vinculada à Secretaria de Agricultura do Estado) está, segundo a reportagem, “*ajudando na criação de pequenas empresas agropecuárias voltadas ao agroturismo*” (idem). A produção de vinhos, queijos e doces para venda direta aos visitantes nos locais de peregrinação e para abastecer os “cafés coloniais” desponta como uma alternativa de sobrevivência econômica para os pequenos produtores locais.

No âmbito cultural, cria-se um patrimônio histórico-cultural. A municipalidade, por decreto, tombou 36 igrejas, capelas e oratórios espalhados pelo município. Nas escolas, os estudantes recebem, além de aulas sobre Madre Paulina, instruções de como receber bem o turista. Até mesmo um antigo grupo de danças típicas italianas está sendo reativado (que expressa a “reinvenção da tradição”, para usar uma expressão do historiador Eric Hobsbawm), inserindo-se no rol das atrações destinadas ao consumo turístico.

Mesmo a construção de um santuário em homenagem à santa Paulina (concluída em outubro de 2005), nos moldes da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, mexe com o imaginário local. A obra, com capacidade para abrigar 3.500 pessoas, foi orçada em mais de R\$ 1 milhão e inicialmente foi bancada com doações de fiéis (*Diário Catarinense*, 15.05.02, p. 18). O fato é que vários discursos políticos e empresariais mostram otimismo com a possibilidade da pequena localidade se transformar em Aparecida (SP), em termos de visitação turístico-religiosa.

Assim, parece que o dia 19 de maio de 2002 é um marco na história de Nova Trento, um verdadeiro divisor de águas, pois desde então vem aumentando em muito o movimento no comércio local. Um exemplo: no dia da santificação as irmãs e os políticos protestaram contra o comércio de mercadorias totalmente desvinculadas da religiosidade, como bonés, camisetas, brinquedos, roupas íntimas, relógios, perfumes, cadeiras, bebidas alcoólicas, cigarros e, por último, os famosos produtos de R\$ 1,99. O presidente da SANTUR (Santa Catarina Turismo), Flávio José de Almeida Coelho, estava indignado com a “invasão” dos ambulantes: “*não podemos transformar o santuário num camelódromo*” (jornal *A Notícia*, 20.05.2002, p. A10).

Enquanto o secretário reclama, a Artesanato Pérola, uma das mais tradicionais indústrias de imagens religiosas do país, sediada no município de Mafra, aumentou sua produção em 30% depois do anúncio da canonização de Madre Paulina, segundo seu proprietário:

São lojas e igrejas de todo o país encomendando réplicas da imagem feita originalmente a pedido do santuário de Nova Trento. A Artesanato Pérola fabrica imagens de Madre Paulina para todos os gostos e bolsos. As menores, com 12 centímetros custam R\$ 8,40 cada e a maior, que chega a medir até 2,20 metros custa R\$ 4,8 mil (*A Notícia*, 18.05.2002, p. A6).

É importante frisar aqui que a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição e o poder público municipal já manifestaram preocupação relativa ao que consideraram “excessos” por parte dos ambulantes. A secretária municipal de turismo assim se manifestou, após constatar o grande número de vendedores ocorrido no dia da santificação: “*não podemos perder o sentido de religiosidade e oração do evento*” (*Diário Catarinense*,

20.05.02, p. 10). Para uma das irmãs da Congregação, a solução para controlar a venda de produtos não religiosos passa pela prefeitura: *“o governo municipal tem que aprovar urgentemente um novo plano diretor da cidade”* (A Notícia, 20.05.2002, p. A10).

Temos aqui, na verdade, uma adjetivação criada: mercadorias “sagradas” versus mercadorias “profanas”. Parece que, desde que possua a “marca” Santa Paulina, a mercadoria deixa de ter o caráter “profano”, já que se trata de “artigo de fé”. Marx (1988), acertadamente, descreveu o caráter nivelador do dinheiro, que apaga todas as diferenças qualitativas entre as mercadorias: *“a circulação torna-se a grande retorta social a que se lança tudo, para ser devolvido sob a forma de dinheiro. Não escapam a essa alquimia os ossos dos santos e, menos ainda, itens mais refinados, como coisas sacrossantas...”* (p. 146).

Ou seja, com ou sem a bênção de um padre, o resultado final é o mesmo: a mercadoria é trocada por dinheiro e, ao ser produzida, cria um consumidor para si, não importando se é um “consumidor de fé”.

4. O MERCADO DA FÉ EM EXPANSÃO

Nesta seção discutimos como está se expandindo, em Nova Trento, a dimensão mercantil da fé. Ao mesmo tempo, apresentamos um breve relato sobre a visita efetuada em 08 de setembro de 2002, na qual fizemos uma primeira observação sobre a peregrinação religiosa no município. A escolha da data foi aleatória, apenas optamos pelo dia de domingo por ser o de maior fluxo de visitantes ao local.

É importante frisarmos aqui que já de há muito existe a peregrinação religiosa à região (em Brusque existe o Santuário de Azambuja, relativamente bem conhecido em âmbito estadual), sendo inclusive anterior às manifestações existentes em Nova Trento. Nesta cidade, existem capelas, igrejas e oratórios, além do Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro⁵, próximo ao perímetro urbano. O distrito de Vigolo é o “lugar da santa”, onde ela começou sua obra religiosa. Ali, as atenções são centralizadas pela Igreja Nossa Senhora de Lourdes e pela “Colina”,

⁵Todas essas edificações estão devidamente enumeradas na página da internet do governo do Estado de Santa Catarina (www.sc.gov.br/madrepaulina)

que possui uma estátua em homenagem à Madre Paulina em sua parte mais alta que foi construída em 1990.

Para quem chega de automóvel de passeio a Vigolo, distrito onde se situa o “lugar da santa”, ocorre uma primeira interpelação por um cidadão, com colete azul (essa é uma forma de mecanismo de controle por parte da prefeitura), sugerindo o estacionamento à direita da rodovia. Ele alertou para o perigo de estacionar mais adiante, no acostamento do espaço público da rua, por conta da incidência de furtos de objetos e do próprio automóvel, já existente no local. O estacionamento, devidamente vigiado, custava R\$ 3,00. Já o estacionamento de ônibus custava R\$ 10,00.

Ao longo do pequeno trecho que compreende os principais atrativos relacionados à Santa Paulina (Igreja de Nossa Senhora de Lurdes, presépio vivo que conta sua história, acesso à Colina da Santa, onde os devotos efetuam uma pequena caminhada de reflexão e de pedidos, tendo ao final uma colina, relativamente plana, na qual se encontra uma estátua em bronze de Madre Paulina) existe uma seqüência de barraquinhas de madeira que oferecem as mais diversas mercadorias: bebidas (inclusive alcoólicas) e lanches, relógios, óculos, roupas e tecidos diversos, cigarros, perfumes e toda parafernália que pode ser levada de recordação do local (chaveiros, copos, pequenas estátuas de porcelana e madeira com imagens de anjos e da própria santa etc.). A visita ao pequeno e singelo presépio vivo, que ilustra trechos da história de vida de Santa Paulina, custa R\$ 1,00.

A pequena igreja tem ao fundo, em cada lado, duas edificações importantes: uma casa, mantida pela Congregação, que vende “mercadorias religiosas” de um lado e, do outro, o restaurante do santuário. Assim, além das necessidades do espírito são saciadas as necessidades físicas e de consumo material de objetos, já que na loja da Congregação são vendidos livros de orações, fitas, correntes, rosários, chaveiros, porta-retratos, camisetas, canecas, xícaras, crucifixos e discos compactos, os *CDs*. Também se vende um santinho plastificado de santa Paulina que contém (segundo se diz) um pedacinho de seu hábito grudado no canto superior esquerdo.

Efetuamos a subida da pequena colina, citada anteriormente. Algumas passagens da história de vida de Santa Paulina estão registradas, na forma de pinturas em azulejo, ao longo do caminho. Há também três muros, devidamente ordenados para a colocação de placas de mármore que regis-

tram a obtenção de graças alcançadas. No alto e no centro da colina, há uma imagem em bronze da santa, onde as pessoas param para efetuar suas orações e pedidos. Mas não só para isso: a estátua funciona também como cenário de fundo para fotografias de família e de grandes grupos de excursão, como pudemos perceber, tiradas em clima de descontração e alegria, muito diferentes da sobriedade e silêncio exercidos durante os rituais de peregrinação e penitência religiosa.

Na verdade, para além das questões relativas à fé dos romeiros que se deslocam para pedir e/ou agradecer as graças alcançadas, esse tipo de comportamento revela o caráter de espetáculo programado, típico da visitação turística. Ou seja, parece que para muitas pessoas o “lugar da santa” é apenas um lugar a mais a ser visitado e “consumido” turisticamente, sendo a devoção religiosa apenas um dos elementos que contam em suas motivações de deslocamento. Não é à toa que além das imagens da santa, as camisetas e tudo o mais que tenha a face de Santa Paulina estampada (como copos, bonés, chaveiros, cartões) acabam se constituindo como lembranças quase que obrigatórias da passagem pelo local.

É esta dimensão que as queixas de cunho moral das religiosas e de representantes políticos, colocadas na seção anterior, não conseguem dar conta: mesmo as “mercadorias sagradas” são parte constituinte da lógica mercantil e espetacular. Essa contradição aparece mais claramente na já declarada intenção de se efetuar o traslado dos restos mortais de madre Paulina de São Paulo para Nova Trento quando da futura conclusão do santuário. Tal proposta foi apresentada pela Comissão Governamental de Acompanhamento e Implementação do Plano de Turismo Religioso, instituída pelo governo do Estado de Santa Catarina neste ano. Apesar da existência de uma norma canônica que estabelece que os restos mortais de uma pessoa canonizada devam ficar depositados onde morreu, a citada comissão está estimulando os descendentes de Santa Paulina, que possuem juridicamente o direito de solicitar o traslado às autoridades civis e religiosas. Assim, acredita-se que Nova Trento se transformará em “solo sagrado”, o que certamente estimulará ainda mais a peregrinação turística e religiosa.

Esse processo, aqui brevemente apontado, de transformação da peregrinação religiosa em turismo religioso, já foi descrito por Wernet (1997), no tocante ao Santuário de Aparecida. Segundo o autor,

...de modo geral percebe-se um processo global que vai da romaria programada em direção a uma prática que facilmente se confunde com ‘excursões religioso-turísticas’. Na organização local e na caminhada propriamente dita há uma continuada diminuição da presente ação pastoral da Igreja. Toda a ação pastoral se concentra na pastoral do santuário que, certamente, tem grandes dificuldades em obter resultados duradouros. Há um esvaziamento da dimensão simbólica (p. 89).

Na verdade, ocorrem ao mesmo tempo o processo de esvaziamento da dimensão simbólica da fé e o crescimento da dimensão mercantil da fé, traduzidos na proliferação de objetos “sagrados” disponíveis para o consumo dos visitantes: afinal, por uma pequena quantia, pode-se andar com uma imagem abençoada na carteira.

Aliás, a própria imagem de Santa Paulina, em forma de estatueta, foi “reconstruída” para estimular a veneração dos católicos:

Antes, sua estatueta mostrava uma freira de expressão severa, segurando uma Bíblia. Agora, a imagem oficial de Madre Paulina tem feições mais acolhedoras. Ela aparece ao lado de uma criança adormecida, que carrega um pedaço de pão. A santa olha adiante, segurando um segundo pão, à procura de outra pessoa que precise de seu auxílio (Época, 13.05.02, p. 88).

Mesmo a reprodução de um dos poucos registros fotográficos dela, feita em sua juventude, foi retocada. Uma foto, originalmente em preto-e-branco, foi colorida durante a beatificação ocorrida em 1991. Assim, a imagem original que representa uma jovem “*séria e recatada*” acabou transformada em uma estampa, distribuída por todo o país, que “*conferiu à freira um ar místico. Foi o primeiro passo na construção da imagem da santa*” (idem). Assim, representações idealizadas de santa Paulina se transformam em “representações reais”, mais adequadas ao mercado consumidor dos artigos religiosos.

É isso o que Haug (1996) chama de “*função de reavivar a procura*”, desempenhada pela “*inovação estética*” (p. 57). A construção de um novo visual para Santa Paulina, um visual inventado socialmente, pode ser explicada pelo que o autor chama de “*estética da mercadoria*”. Neste conceito, ocorre uma restrição dupla: “*de um lado, a ‘beleza’, isto é, a manifestação sensível*

que agrada aos sentidos; de outro, aquela beleza que se desenvolve a fim de excitar no observador o desejo de posse e motivá-lo à compra” (p. 16).

Apelando para mudanças de caráter estético, mesmo com a melhor das intenções religiosas, aqueles que reformularam as imagens, tornando-as “místicas” ou “amenas”, acabaram por reproduzir o mundo das aparências do capitalismo, já que não basta à Madre Paulina ser santa, ela tem que parecer santa.

5. CONCLUSÕES PRELIMINARES: DA PEREGRINAÇÃO RELIGIOSA AO TURISMO RELIGIOSO

Os relatos sobre a existência de Santa Paulina sempre enfatizam sua generosidade e dedicação integral à causa dos pobres, doentes e humildes. Portanto, é correto dizer que ela se constituiu e se apresenta como um exemplo de caridade e amor ao próximo. Contudo, o que vem ocorrendo em Nova Trento e aparece publicado nos jornais é o uso de Madre Paulina em benefício da promoção de um novo segmento do turismo: o turismo religioso. Em âmbito municipal, inclusive se diz que *“a santa vai trazer o progresso para nós”*; em âmbito estadual, que *“Nova Trento se transformará no terceiro pólo de turismo religioso do Brasil (atrás apenas de Aparecida e Juazeiro)”*. Até se inventou um mote: *“Madre Paulina, padroeira do turismo”*.

É claro que as pessoas continuarão a visitar Nova Trento por motivos religiosos, como já faziam em períodos anteriores à canonização. O que destacamos aqui é o surgimento do turismo religioso, cuja motivação ultrapassa o caráter histórico da peregrinação (penitência e fé) e adquire o sentido de espetáculo. E aí, importam mais “ver”, “ser visto” e “consumir”, características da atividade turística de modo geral.

Novamente cabe aqui uma menção ao Santuário de Aparecida. O trabalho de Oliveira (1999), ao elaborar uma periodização geográfica das peregrinações à Basílica de Aparecida, chama a atenção para a mudança ocorrida desde meados dos anos de 1970: *“de meados dos anos 70 até o início da década de 90, as romarias a Aparecida ultrapassam a finalidade religiosa da peregrinação de visita à Mãe (brasileira) de Deus, para atingir uma sacralidade mais completa. Ou seja, rezar + comprar + passear + conviver + contemplar (...)”*. (p. 270)

Não há como não perceber na efervescência social e econômica, (ainda que incipiente) que começa a tomar conta de Nova Trento e municípios vizinhos, fortes indícios do surgimento da progressiva mercantilização da fé, aos moldes já existentes em outros lugares, notadamente a cidade de Aparecida, em São Paulo, que, aliás, vem servindo de inspiração para a formulação de políticas de desenvolvimento local⁶.

Embora este artigo tenha evitado efetuar juízos de valor acerca da pertinência ou não da fé religiosa, não podemos deixar de dizer que a transformação de Madre Paulina em uma “marca” de consumo para o turismo é algo que está muito aquém da opção pelos pobres que ela, na sua qualidade de sujeito histórico, professou em vida. Conta a Bíblia que Jesus Cristo, certa vez, expulsou os mercadores do templo. Hoje, o próprio templo e seu entorno são um mercado, “um mercado da fé”...

THE SAINT OF THE TOURISM: FAITH MARKET IN NOVA TRENTO, SANTA CATARINA STATE.

Abstract

The main objective of this article is to discuss in a critical view the touristic meaning of Saint Paulina canonization, occurred on 19 May 2002. We argue the religious faith has been appropriated by a specific form of capital accumulation. In other terms, the religiosity has been transformed in a touristic goods. In this sense, we intend: a) to show general informations about the social and economic evolution of Nova Trento municipality; b) to describe the new characteristics produced by the economic use of the faith in this case; c) to understand in a theoretical form the meaning of appropriation, by the touristic capital, of the popular religiosity and the faith feelings.

Key words: tourism, religious faith, Saint Paulina.

⁶ Por isso a Secretária de Turismo de Aparecida, Márcia Filippo, esteve em Santa Catarina no mês de maio de 2002, a convite da SANTUR e da ABAV (Agência Brasileira de Agências de Viagens) para palestrar no Seminário de Desenvolvimento Turístico Regional, promovido pelas duas entidades.

REFERÊNCIAS

APRESENTADO anteprojeto do Santuário. **Jornal Diário Catarinense**. Florianópolis, 15 de maio de 2002, p. 18.

COMÉRCIO reclama do movimento. **Jornal Diário Catarinense** Florianópolis, 20 de maio de 2002, p. 10.

DEVOTOS manifestam sua fé de diferentes formas. **Jornal A Notícia** Joinville, 19 de maio de 2002, p. 24.

FÉ transforma Nova Trento. **Jornal A Notícia**, Joinville, 19 de maio de 2002, p. 23.

HAUG, Wolfgang. F. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo, Ed. Da UNESP, 1997, 210 p.

IBGE. **Censo demográfico de Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 2001.

_____. **PNAD/SC - Pesquisa Nacional de Amostragem domiciliar**. Rio de Janeiro, vários anos.

INDÚSTRIA da fé provoca polêmica. **Jornal A Notícia**, Joinville, 20 de maio de 2002, p. B6.

MAJOR Vieira faz festa para Santa Paulina. **Jornal A Notícia**, Joinville, 18 de maio de 2002, p. A6.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo, Bertrand, 1988, livro 1, v. 1, 579 p.

NOVA Trento vive em clima de canonização. **Jornal A Notícia**, Joinville, 17 de maio de 2002, p. A10.

OLIVEIRA, Christian D.M. **A monumentalidade do templo e da romaria: uma periodização geográfica das peregrinações à Basílica de Aparecida**.

In: RODRIGUES, Adyr B. (org.) Turismo e geografia. São Paulo, Hucitec, 1999, p. 262-272 p.

RECONSTRUINDO Madre Paulina. **Revista Época**. Rio de Janeiro, Editora Globo, 13 de maio de 2002, p. 88.

Reunião discute ações para incrementar o turismo religioso em Nova Trento. Disponível em: www.oisaojose.com.br/jun02/especial.

SANTA CATARINA. Secretaria de Planejamento. **Nova Trento**. In: PIDSE – Programa Integrado de Desenvolvimento Socioeconômico. Florianópolis, 1991, 2ª edição, 37 páginas.

Segurança reconhece ameaça em Nova Trento. **Jornal A Notícia**, Joinville, 20 de maio de 2002, p. A6.

WERNET, A. Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao Turismo religioso. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo, Hucitec, 1997, p. 83 – 90.

Vigilância fiscaliza os ambulantes em Nova Trento. **Jornal A Notícia**, Joinville, 18 de maio de 2002, p. A7.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2006 e aprovado em 30 de setembro de 2006.